

ATIVISMO DIGITAL E COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA EM DEFESA DA DEMOCRACIA

Realizado nos dias 18 e 19 de outubro de 2018, no auditório da Fundação Casa de Rui Barbosa, o 4º Encontro do EMERGE, em concomitância com o 5º Colóquio CEPCC, teve como grande tema “A emergência da comunicação comunitária e do ativismo digital por uma sociedade mais democrática”. O evento foi marcado pela presença de pesquisadores nacionais e internacionais, estudiosos que têm tratado e contribuído com as áreas de Comunicação, Cultura e Informação. Este momento de reflexão foi organizado pelo Centro de Pesquisa e Produção em Comunicação e Emergência (EMERGE), pelo Programa de Pós-Graduação *Mídia e Cotidiano* (PPGMC - UFF), Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), Cátedra Unesco de Políticas Culturais e Gestão (FCRB), e pelo projeto Economia Política da Comunicação e da Cultura (EPCC/FCRB). *Passagens* entrevistou a Profa. Eula Cabral, pesquisadora da Casa de Rui Barbosa, e o Prof. Adilson Cabral, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Esta entrevista foi realizada em 19 de outubro, por Bruna Castelo Branco.



Profs. Eula e Adilson: fazer, levar e dividir Ciência e Conhecimento com todo(a)s é o que fazemos no EMERGE.

Bruna Castelo Branco (BCB) – Como podemos enxergar a área da Comunicação dentro do espaço acadêmico?

Eula Cabral (EC) – A Comunicação é uma área multidisciplinar. Ela acaba entrando em todas as áreas e precisa, na verdade, estar em todas as áreas. É importante para as pessoas entenderem quais são os seus direitos, a comunicação, modo geral, ajuda neste sentido; comunicar, se informar, ter acesso a bens da cultura são direitos. Não é à toa que o Capítulo 5º da Constituição trata de programas culturais; da preservação da cultura nacional, regional... uma coisa está interligada a outra. A Comunicação como área de estudos é fundamental para qualquer área de pesquisa e também para o dia a dia das pessoas.

Adilson Cabral (AC) – A construção dos cursos de graduação em Comunicação sempre foi marcada por desafios. Ela nasce da demanda do mercado pela Universidade, mas ao mesmo tempo, a Comunicação, como área de conhecimento, é também uma demanda das especificidades das Ciências Sociais em relação ao próprio desenvolvimento da indústria cultural. Na prática, a Comunicação, sempre esteve em contato ou presente na Academia. Ao mercado de trabalho, e também à sociedade, sua importância está para reflexão, para a promoção de encontros, para a observação dos processos sociais.

BCB - Quais os desafios do trabalho de pesquisa científica no campo da Comunicação popular, comunitária e cidadã em que você atua?

AC – A primeira tarefa neste desafio foi construir uma ponte, estreitar os laços entre comunicação política e processos de construção de políticas que envolvam os diversos segmentos sociais. Depois foi desenvolver uma política de comunicação na qual estejam compreendidas essas formas de comunicação popular, comunitária, alternativa, e do ponto de vista das iniciativas de comunicação popular, comunitária e alternativa. Feito isto, a tarefa foi criar estratégias para permitir a continuidade dessas iniciativas que passam não só pela dimensão sociocultural, de aproximação com a população em geral, como também pela compreensão de políticas que permitam a própria continuidade destas ações.

BCB – E na sua área de estudos, Profa. Eula, quais tem sido os desafios no campo da pesquisa científica, e ainda no campo da Economia Política da Comunicação, da Cultura e da Informação:

EC – Eu sempre falo que quem trabalha com pesquisa precisa entender o cenário a partir dos pontos de vista social, cultural, econômico, político e tecnológico. Porque se você pode acessar essas áreas, outros poderão entender o que você está falando, começam a entender qual é o real sentido da sua pesquisa e a sua contribuição para a sociedade. A área de Economia Política é importantíssima para que tenhamos esse viés crítico. Os desafios? Muitos! Até por que nem todo mundo gosta de olhar criticamente para as coisas, mas a crítica é fundamental para que possamos entender e propormos respostas.

BCB – Como funciona a Fundação Casa de Rui Barbosa? Há alguma relação entre a Casa de Rui Barbosa com a UFF? Qual?

EC - Eu trabalho na Casa de Rui Barbosa e estou no setor de Pesquisas em Políticas Culturais. Na Casa Rui Barbosa nós temos setores de pesquisa com vários setores voltados às várias questões. No meu caso, atuo no setor de pesquisas de Políticas Culturais; e, dentro do setor, eu trabalho com Economia Política da Comunicação e da Cultura, em que este viés é o de fazer análise da concentração da mídia, observar a diversidade cultural. Também temos um direcionamento de aprimoramento acadêmico com a oferta do Mestrado, além da pesquisa científicas que realizamos aqui.

No setor onde atuo, criamos a área de EPCC (Economia Política da Comunicação e da Cultura), onde conto com 3 bolsistas de iniciação científica (uma está fazendo História na UFF e tem bolsa de IC da FCRB; a outra está fazendo Ciências Sociais na UFRJ, com bolsa de IC do CNPq; e a terceira, estuda Comunicação na UFF e é bolsista de IC da FAPERJ), além de 1 colaboradora que é graduada em Arquivologia, e especialista em Educação Infantil e Desenvolvimento. Temos, portanto, uma atuação interdisciplinar. Para além disto, todas estamos ligadas ao grupo de Pesquisa EMERGE, que é da UFF.

BCB – Como e quando surgiu a ideia de criação do grupo EMERGE da UFF?

AC – O EMERGE surgiu como proposta de grupo a partir da minha entrada na UFF como professor no curso de Comunicação, no intuito de que eu poderia traduzir no espaço de construção de pesquisa, de referência para o desenvolvimento de pesquisa, uma abordagem que eu vinha trabalhando desde o final do meu doutorado, que era a ideia de emergência que ocorreu de um livro que li, naquela etapa final, para a conclusão do meu doutorado.

BCB – Qual livro, Prof. Adilson?

AC – *Emergência: A dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares*, de Steven Johnson, que trata de processos emergentes, construídos de baixo pra cima, e de forma adaptativa em outras áreas de conhecimento, que não a da Comunicação. Ao final da obra, o autor faz associação destas formas de processos emergentes com áreas da Comunicação. Estas formas emergentes surgem de elementos relativamente simples em direção a formas de comportamento mais complexos. Na obra, Johnson resgata as origens do comportamento emergente, que vão desde crianças com habilidades para o controle mediado dos novos *softwares*, até grupos de protesto que dispensam lideranças tradicionais. E isto tinha a ver com o que estudava. Aquilo veio a contento! Me lançou à construção de ideias escritas a respeito destas percepções que se acenavam! Quando eu ingressei na UFF, poucos meses depois – na verdade eu havia concluído uma reflexão textual em fevereiro, e eu entrei na UFF em março de 2005 – , finalizei a tese, entreguei, e quando veio a possibilidade de construir um espaço mais consolidado para articular pesquisa, iniciação científica com extensão e com as disciplinas com as quais trabalhava, e demais programas, fui adiante. Me dei

conta, também, que outros colegas também pensavam e atuavam de forma análoga. E juntos fomos consolidando ações. Já se vão 13 anos.

BCB – Atualmente, em que consiste e como funciona o grupo EMERGE, Prof. Adilson?

AC – Num primeiro momento, a primeira formação, era bem uma ação entre amigos, quer dizer, mais do que amigos até, quase família. A minha esposa, que também é uma pesquisadora que atua na área, que tem uma compreensão da comunicação bastante similar, e dentro do possível, nesta perspectiva dos processos comunicacionais emergentes. Destaco ainda amigos, como a Profa. Maria Érica de Oliveira Lima (da Universidade Federal do Ceará), que estuda Folkcomunicação e produção das mídias regionais, também articulava conosco. Outro amigo, o Prof. Bruno Lima Rocha, estudioso de rádios comunitárias, e ainda, o professor Juliano Carvalho... foi esta a primeira formação do EMERGE. Conosco, outros colegas da UFF, pós-doutorandos que vieram atuar no EMERGE... O grupo foi crescendo. Hoje temos um grupo grande, articulado, com contribuições de pesquisa, com docentes em outras universidades, que nos permite perceber o que estudamos em outras realidades.

Os colaboradores entram como pesquisadores que também interagem com a construção do grupo; cada qual faz a sua pesquisa, a gente tem essa base comum dos processos comunicacionais emergentes, temos pontos em comum, áreas de tangência em relação às nossas áreas de atuação. Existem ideias, eixos, construções que são comuns às pesquisas de cada um ou de três ou quatro pessoas dentro do EMERGE, mas que não tem uma orientação a partir de uma pesquisa unidirecional, que orienta todo o grupo; o grupo se articula por pontos comuns.

BCB – Por que realizar o IV Encontro do EMERGE na Casa de Rui Barbosa?

EC – Em primeiro lugar por que eu, minhas bolsistas, minha colaboradora e minhas orientandas do Mestrado estão registradas no EMERGE – que trabalha com as pesquisas que desenvolvemos, e é reconhecido como um excelente grupo de pesquisa nacional e internacional. Em segundo lugar porque todos os eventos são feitos em parceria com o EMERGE, pois nós trabalhamos sob três vieses: um é a pesquisa científica que desenvolvemos; outro é fazer um *site* com informações e pesquisas ligadas à comunicação e cultura, o *site* EPCC; e o terceiro é “evento”, que traz pesquisadores para debaterem com ativistas de Comunicação e Cultura, como é o caso dos vários colóquios de Economia Política e as palestras sobre os paradigmas culturais. Sem falar que aqui na Casa Rui Barbosa temos uma infraestrutura boa: transmissão *online*, auditório etc. Fazer a parceria com a Universidade Federal Fluminense, tendo pesquisadores aqui da FCRB junto com os da UFF e de outras instituições de educação e pesquisa do Brasil, é fundamental para o desenvolvimento e a divulgação científica.

BCB – Como foram os eventos anteriores? E quais as expectativas resultantes deste 4º Encontro do EMERGE?

AC – Este quarto encontro foi bem distinto dos outros no sentido de tentar reunir todos os pesquisadores, orientandos e bolsistas em mesas e painéis nos quais pudessem apresentar as pesquisas em curso, as pesquisas já realizadas, as pesquisas em andamento, e com esta preocupação de trocar ideias em relação ao feito, em relação ao andamento, em relação até às preocupações, às questões de... “Para onde eu vou? Como eu construo? No que eu elaboro melhor?”.

Dentro do âmbito de um grupo de pesquisa que também tem essa forma díspar que é interessante do ponto de vista de não ser centralizado, mas ao mesmo tempo, não era tão claro que existiam tantas questões em comum, então eu acho que do ponto de vista da construção, o objetivo era esse, assim, na pista de que, sim, existem coisas em comum para além da simples ideia dos processos comunicacionais emergentes e isso se evidenciou na medida em que várias apresentações foram recorrentes em relação a determinadas expressões, determinadas ideias, construções, caminhos, referências, etc.. então, isso daí meio que demonstra que o EMERGE, do ponto de vista da proposta de ser um grupo de pesquisa heterogêneo, multifacetado, rizomático... Ele cumpriu o objetivo.

Se é bom ou se é ruim, eu não sei exatamente, mas tem essa construção que é muito próprio, que é muito a cara do EMERGE, e que meio que é em execução, na prática, o que se compreende como processo de comunicação mais emergente... São ideias que podem se construir de forma de baixo pra cima, digamos, a partir de cada origem, de cada território de forma adaptativa, não necessariamente uma ideia em construção ou uma construção que tenha que servir tal e qual para outra, e para outra e tal... a gente segue caminhos que são distintos a partir de bases comuns.

EC – Como o Adilson Cabral falou, na apresentação dele sobre o EMERGE, nós podemos trabalhar as pesquisas tanto a partir de um viés nacional quanto do internacional, porque em todos os encontros há um pesquisador internacional para manter esse diálogo com o que ocorre fora do Brasil. Neste ano, tivemos a presença de Maria Soledad Segura, de Buenos Aires. Além disso, vamos publicar também um *e-book* com todas as palestras, além de disponibilizar o evento na Internet, via os *sites* EPCC, EMERGE e canal da FCRB no *Youtube*. Ou seja, poderemos dividir nossas experiências e conhecimentos com todo(a)s.

BCB – A senhora acrescentaria algo a mais a respeito do evento, Profa. Eula?

EC – Esse encontro foi fundamental porque contamos com a participação de pesquisadores reconhecidos nacionalmente e internacionalmente, e os que estão começando suas pesquisas científicas. Ele foi um grande encontro e uma grande oportunidade para conhecermos os trabalhos e as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no Brasil. Além disso, todas as palestras estarão disponíveis no *Youtube* para as pessoas saberem o que vem sendo desenvolvido em nossas instituições de ensino e pesquisa.

BCB – Emissoras regionais: qual o sentido de se produzir/realizar este tipo de emissora em um momento de tendência à globalização?

EC - As emissoras regionais são fundamentais. Como disse em minha fala durante encontro, venho trabalhando com a mídia brasileira há muito tempo. Na graduação, minha pesquisa foi sobre um grupo local: analisei a Rede “A Crítica”, do Amazonas; no mestrado, minha dissertação foi sobre a regionalização da mídia brasileira – “Rede Amazônica de Rádio e Televisão e seu processo de regionalização (1968 a 1998)”; no doutorado, eu trabalhei com internacionalização da mídia brasileira – “A internacionalização da mídia brasileira: estudo de caso do Grupo Abril”; e no pós-doutorado eu fiz as duas vertentes, que foi o de tentar trabalhar com o estudo dos grupos tanto de comunicação como de telecomunicações, para ter uma visão completa realmente do cenário, entender desde o local até o internacional.

Então, mesmo que se fale da tendência à globalização, não adianta pensar o global sem estar no local. O que é mais importante para as pessoas que estão aqui no Rio de Janeiro, por exemplo? É saber se daqui a pouco a favela que está aqui perto vai ter tiroteios ou não, se eu vou poder andar na rua... Se, de repente, vai chover... As pessoas estão preocupadas com o local. A questão do internacional, que está acontecendo em outros países, é importante e influencia na Economia, na Política... Mas, não vai influenciar tanto no meu dia a dia.

O regional e local são fundamentais. Inclusive, precisamos cobrar mais de nossos governos porque são questões previstas em nossa Constituição.

Quando a Renata Souza, em sua palestra, falou que o pessoal da favela não está tão preocupado com o que está acontecendo em outro país, mas em resgatar suas raízes com a cultura, fazendo poesias e vídeos, é por que retratam seu dia a dia. Se, de repente, as emissoras perderem esse viés, lá na frente, vão querer buscá-lo, porque foi assim com a (Rede) Globo nos anos 1990... De repente tudo era nacional, quando ela viu que os grupos comunitários apareceram, e estavam ganhando espaço junto aos locais, resolveram abrir os telejornais locais e foi quando tudo começou, e aí eles tentaram voltar às raízes. Só que, como eles estão vendo que, com o local, não conseguem sobreviver, diminuíram novamente a programação local. Daqui a pouco eles voltarão, porque as pessoas já estão ficando saturadas da TV muito para além do local. E essa saturação é ruim; as pessoas estão indo ao encontro de outras plataformas, então, eu imagino que eles – os grandes da comunicação – vão ter que retornar de novo para o local, regional.

BCB – E como o senhor, Prof. Adilson, analisa a atuação hoje das emissoras regionais com o advento da digitalização das comunicações? Qual o futuro das televisões regionais?

AC – A questão da regionalidade, ela passa muito pelos poderes locais e passa muito pela capacidade de formação de competências para o enfrentamento do que é essa

produção em televisão em relação às comunidades, em relação à construção, sendo que é um possível setor privado das comunicações, um possível setor estatal das comunicações e um possível setor não-privado e não-estatal, mas sim um setor comunitário que compreenda dentro de um sistema mais amplo de comunicação e que nesse contexto regional, preserve a regionalidade. A nós, do EMERGE, interessa olhar para esta ponte entre comunicação e cultura, e compreender pluralidade e diversidade como pilares, não dissociados, ou seja, não é possível ter numa perspectiva democrática.

É preciso que tanto o setor privado, quanto estatal, quanto o comunitário, se compreendam a partir desse pilar, que é um binômio, da pluralidade e diversidade. Pluralidade diz respeito a muitos. Diversidade diz respeito a diversos. A diversidade dos muitos precisa existir para expressar essa regionalidade e às tantas regionalidades dentro de uma determinada região, às tantas expressões culturais e aí, essa articulação também com a produção independente.

Não é só a questão centralizada a partir de uma estrutura empresarial, que trabalha em escala industrial nos processos de construção dessa comunicação massiva, mas também a partir de um determinado meio que se coloque como tal, que tenha uma gestão, programação e produção própria, mas que seja consideravelmente aberta para uma produção independente e que ocupe esses espaços também de construções das programações, mesmo que regionais. A minha perspectiva para uma política de Comunicação que eu compreenda como democrática é essa. A minha perspectiva com relação ao que vai acontecer com o mercado é outra.

A minha compreensão de diagnóstico com o que está colocado em relação ao desdobramento de realidade é que passa por outros agenciamentos; vemos cada vez mais igrejas neopentecostais se aproximando, se desenvolvendo, apropriando-se desse espaço da radiodifusão, então cada vez mais os espaços de programação vem sendo loteados. O processo, por exemplo, espanhol é interessante porque não tem tanta igreja, mas tem exotéricos de um modo geral, e aí se tem experiências de “televidência” que ocupam muito da grande de programação das TVs espanholas.

Eu acredito que haja uma reprodução de manutenção de espaços como territórios de poder e plataformas para troca de interesses políticos variados, acredito que não se abram mão desses espaços em relação a esses avanços que vêm sendo mapeados e reconhecidos como, consideravelmente, e radicalmente fortes, como o das operadoras de telecomunicação; acredito que o Brasil como tem essa topologia, como tem esse embricamento dos poderes locais muito fortes, que compreendem a mídia aberta como espaço de construção, de afirmação do poder, eles não vão abdicar de um modo tão simples.

BCB – Profa. Eula, como analisa a atuação das emissoras regionais de televisão no Brasil na atualidade e o que pensar sobre o futuro delas?

EC – Se formos pensar na RBS, por exemplo, que era o maior grupo regional, e que não é mais porque saiu de Santa Catarina, e está somente no Rio Grande do Sul, você observa que o cenário está mudando.

A RBS era o único grupo que tinha a maior fatia regional, e quando ela se viu envolvida politicamente em negociações equivocadas, vendeu o que tinha; ela se manteve na Globo, mas ficou só no Rio Grande do Sul. E aí, a Rede Globo, aproveitou para diminuir a programação regional de todas as afiliadas. A tendência é, se as emissoras não se organizarem, vão perder espaço, porque as pessoas estão organizadas e produzem seus materiais; as pessoas, na verdade, hoje, não precisam tanto das emissoras nacionais. É uma questão de lógica empresarial, estratégia.

Um outro exemplo, quando o grupo Abril resolveu ir para outros países, fez análise local, cultural, para ver se se adaptava, só que teve um momento que ele achava que a nossa cultura ia se impor sobre o internacional e não foi. Achar não dá muito certo. E eles tiveram que voltar atrás nas estratégias e tiveram que sair daqueles países porque eles estavam tendo prejuízo. Então, de repente, no Brasil, achar que tudo vai ser o nacional pode ser uma tática errada, e aí eles vão ter que se voltar para o local.

Muita gente já está indo para internet e as emissoras estão ficando descontroladas com essas mudanças. Inclusive, muitas estão trocando apresentadores, jornalistas e atores por *youtubers*. Estão trocando pelos influenciadores que influenciam muito nos locais deles. A tendência realmente é voltar, retornar para o local.

BCB – **Tratando especificamente do seu Livro *Nossa TV Digital*, o senhor aborda nele o tema das políticas públicas locais de Comunicação; qual a importância de estudá-las? A difusão da TV Digital no Brasil implica mudanças profundas na legislação de radiodifusão brasileira?**

AC – Este livro nasceu do desdobramento de meu pós-doutorado. A ideia foi estudar políticas locais a partir do nacional. Seria a comparação da TV nacional para as TVs comunitárias, na comparação Brasil e Espanha nas perspectivas de produções locais. Nesse contexto é importante compreender que a transição do analógico para o digital precisa se dar na preservação do espaço, do território, do setor, do segmento, que não é exatamente estatal, e que não é exatamente privado, mas que tem um aspecto que é público e que tem um outro aspecto que é privado, ou seja, são organizações que são gestoras dessas iniciativas de TV comunitárias; elas partem de articulações que são privadas, ou seja, elas não surgem a partir do privado, não são dos servidores públicos estatais e ao mesmo tempo elas não são mercadológicas, comerciais, e trabalham para uma determinada coletividade, mesmo que seja a partir de determinados grupos mais diretamente envolvidos com a construções das iniciativas. Neste sentido, elas não são privadas enquanto desconstrução do estatal, elas não são públicas no sentido de não-mercadológicas, mas apenas elas atuam em prol de uma coletividade a partir de determinadas organizações.

Observamos que existe uma demanda de rearticulação, reconformação dos processos de regulamentação tanto no Brasil quanto na Espanha, existem coisas muito interessantes na Espanha que o Brasil não tem e vice-versa, são particularidades.

Então, essa referência, essa construção meio que exterior em relação ao pensar sobre as políticas de Comunicação, ela é interessante no pensar de um diálogo comum em relação a limites e avanços de cada país e que pode ser aplicado em relação a vários outros países, não só no contexto da América Latina, objeto de meus interesses recentes, como, também, com o contexto de países da Europa.

....

SOBRE A ENTREVISTADORA:

Bruna Castelo Branco é formada em Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Estudante de especialização em Jornalismo para TV e mídias eletrônicas. Mestranda e bolsista CAPES pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFC.

E-mail: brunafanco19@gmail.com